



Em Paz

Mário Melo Rocha

1957-2012 Uma vocação à porta da política

Pedro d' Anunciação

MÁRIO Melo Rocha tornou-se conhecido do grande público em colaborações que se iniciaram nos jornais do Porto (*JN*, *Primeiro de Janeiro*, *Jornal do Comércio*), e se estenderiam depois aos de Lisboa (*DN*, *Diário Económico*, *Jornal de Negócios* e, finalmente, o *SOL*, no caderno económico *Confidencial*). Mas era a política, de onde nunca conseguiu passar da porta (o mais longe que foi seria a colaboração íntima com Marcelo Rebelo de Sousa), que realmente o entusiasmava. Teve mais êxito como académico, onde se iniciou na Universidade Católica do Porto (a boa média de 16, conseguida em Coimbra, não era ainda assim suficiente para ali ficar assistente), e acabou por viver algum sucesso na advocacia, onde se iniciou com Miguel Veiga, e acabaria no escritório de Pedro Rebelo de Sousa. Morreu sábado, aos 54 anos, de cancro no pulmão.

FILHO do juiz Gelásio Rocha, que acabou a carreira como presidente da Relação do Porto, Mário teve uma educação católica, conservadora, talvez com as atenções especiais de um filho único e com os inconvenientes de uma família arrastada de terra em terra, consoante os postos do pai (viveram em terras como Figueira de Castelo Rodrigo ou Paços de Ferreira, antes de se fixarem no Porto).

Foi já no Porto que concluiu o liceu, e rumou depois a Coimbra a licenciar-se em Direito.

A própria família puxá-lo-ia para interesses culturais que o marcariam. Gelásio Rocha, ainda vivo, escreveu um pequeno livro de memórias, *Sete sóis, sete luas*, onde deixava transparecer o interesse especial, a par dos ensaios jurídicos, pela grande literatura nacional e internacional. Um dia, o juiz pediu a um advogado mais jovem, mas de sucesso, e ligado à política, Miguel Veiga (um dos 'meninos de ouro' do Porto de que falava Agustina), se podia encarregar-se do seu filho, também ele a cursar Direito.

Veiga levou a tarefa a peito. Tornou-se o grande amigo e modelo de Mário Melo Rocha,



Advogado e professor universitário na Católica do Porto, dirigente do PSD, amigo e colaborador especial de Marcelo Rebelo de Sousa, jornalista de jornais como o SOL, morreu sábado, aos 54 anos, de cancro no pulmão

abriu-lhe portas, deu-lhe o estágio de advogado e lançou-nos meandros da política.

Miguel Luís Kolback da Veiga convinha completa-

mente às convicções de católico progressista de Mário (que, na Universidade de Coimbra, fora contemporâneo de outras figuras do PSD, como Marques Mendes ou Aguiar-Branco). Veiga era o tal 'menino de ouro': um *dandy* do Porto, viajado e cosmopolita, uma espécie de solteirão *bon vivant* (mesmo quando não estava solteiro), amigo pessoal de Sá Carneiro e Balsemão, da ala esquerda do PSD, melena atraente, gravatas invejáveis, e escrita fácil a brilhar nos jornais. Tornou-se imediatamente o ídolo e o modelo de Mário – que, embora talvez sem a *patine* aristocrática do mentor, e com uma formalidade mais forçada, cultivava o mesmo género de gravatas, a pose e o penteado cuidados, uma escrita solta em colunas de jornais, inteligência viva, gosto *gourmet*, e o prazer de bons carros. Acabavam por formar um par perfeito.

MÉLO Rocha pertencia à cooperativa *Árvore*, onde os 'progres' do Porto se encostam à cultura. Por outro lado, ia fazendo política na JSD, ajudou a assentar a Sede no Porto, e colaborava em iniciativas católicas, incluindo a *Opus Dei*, no Colégio Universitário do Porto. Houve uma fase da sua vida em que foi um regionalista. Terá sido um dos primeiros assistentes da Faculdade de Direito da Universidade Católica do Porto – onde fez depois um mestrado, escolhendo o então por explorar Direito do Ambiente, e preparava agora o doutoramento.

Veiga, como um irmão mais velho, tentou encaminhá-lo para a verdadeira política partidária, que fascinava Mário. Entrou assim no Conselho de Jurisdição do PSD no tempo de Fernando Nogueira, e lá se manteve com Marcelo Rebelo de Sousa.

MÁRIO deslumbrou-se com Marcelo – e acabou por o adoptar como mentor, trocando Veiga pelo comunicador fulgurante e irresistível. Rebelo de Sousa, pelo seu lado, apreciava a desenvoltura analítica do novo discípulo e divertia-se com o resto da personalidade (um social-democrata progressista enfarpelado de conservadorismo estético). Ficaram íntimos. Melo Rocha, inclusivamente, acabaria por trocar o escritório de Miguel Veiga pelo de Pedro Rebelo de Sousa – criando primeiro uma sucursal deste no Porto, e vindo depois para Lisboa (onde ficava de terça a quinta-feira) assegurar um departamento de Direito do Ambiente.

Ficou, no entanto, sempre à porta desse mundo que mais o fascinava, o da política pura e dura. Há quem diga que, por convicção, nunca quis alinhar no populismo de moda (apoiava Rui Rio, por exemplo, contra Menezes). Mas era um sedutor na escrita, em que seria natural dar mais nas vistas.

A doença apanhou-o demasiado cedo – apesar de o seu vício de fumador inveterado ter contribuído muito para ela. A mulher, Margarida, que trabalhava em Serralves, recorda-o à lareira, a ler – talvez com um bom vinho ao lado.